



VI Seminário Internacional
de Pesquisa e Estudos Qualitativos
21 a 23 de setembro de 2021

Pesquisa Qualitativa

ÉTICA - LÓGICA
EPISTEMOLOGIA

CONFORME O DISPOSTO NA FICHA DE INSCRIÇÃO, EXPLÍCITE:

- a) Área de inscrição: 3. Educação
- b) Modalidade de pesquisa: Fenomenológica
- c) Trabalho a ser apresentado de acordo com:
 - Área (escreva a área): 3.
 - Tema/modalidade de pesquisa (escreva qual): fenomenológica

PESQUISA QUALITATIVA DE ENFOQUE FENOMENOLÓGICO: ASPECTOS DA AVALIAÇÃO ÉTICA EM UM GRUPO DE PESQUISA

Tânia Mara Vitaczik Campanucci

*Pedagoga da Prefeitura Municipal de Curitiba
tamavica@gmail.com*

Nelem Orlovski

*Professora da Prefeitura Municipal de Curitiba/ doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Formação Científica, Educacional e Tecnológica (PPGFCET-UTFPR);
orlovskice@yahoo.com.br*

Luiza Destefani Alves

*Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Formação Científica, Educacional e Tecnológica (PPGFCET-UTFPR)
dest.luiza@gmail.com*

Luciane Ferreira Mocrosky

*Professora na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e no PPGFCET;
Curitiba
mocrosky@utfpr.edu.br*

Resumo

Neste texto revisitamos alguns aspectos da pesquisa qualitativa de abordagem fenomenológica, especificamente no que se refere à hipótese de pesquisa e seus desdobramentos, exemplificando situações vivenciadas no âmbito do GEFForProf/UTFPR, que nos levam a discutir acerca de opções metodológicas que nem sempre se reconhecem no sistema de avaliação posto na Plataforma Brasil, revelando aspectos de conflitos entre implicações éticas das escolhas metodológicas e revisão ética.

Palavras-chave: Pesquisa qualitativa. Abordagem fenomenológica. Comitê de ética.

Abstract

In this text, we revisit some aspects of qualitative research with a phenomenological approach, specifically with regard to the research hypothesis and its consequences, exemplifying situations experienced within the scope of GEFForProf/UTFPR, which lead us to discuss methodological options that are not always recognized in the evaluation system placed in Plataforma Brasil, revealing aspects of conflicts between ethical implications of methodological choices and ethical review.

Keywords: Qualitative research. Phenomenological approach. Ethics committee.

Introdução

Iniciamos este estudo trazendo um breve recorte histórico dos anos 90, em contexto brasileiro, considerando ser ao final deste período que nos deparamos cada vez mais com a preocupação da formalização de exigências com princípios éticos a serem seguidos nas pesquisas com seres humanos, com a incumbência de cuidar e resguardar este ser.

Com a resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996, que institui o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), sistematizam-se as primeiras diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, pautadas em documentos internacionais e estruturadas nos fundamentos da bioética e da área biomédica. Contudo, apenas em 2012 é aprovada a resolução CNS nº 466/2012 e com ela a Plataforma Brasil, oficializando o Sistema CEP/Cone regulamentado pela Norma Operacional nº 001/2013, do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012), que dispõe sobre a organização e o funcionamento do Sistema CEP/Conep.

Dada a configuração, o proposto como ética em pesquisa com seres humanos vem sendo orientado por normas analisadas e criadas pela área da Saúde. Tal encaminhamento tem demandado uma busca constante das Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas (CHSSA) por adequar suas investigações às exigências, solicitando discussões acerca de uma regulamentação específica de avaliação ética em pesquisa com seres humanos nestas áreas (DUARTE, 2015; AMORIN, et al, 2019; MAINARDES, 2017).

Para nós, pesquisadores do Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação de Professores – GEFForProf/UTFPR, cujo escopo de uma vertente do mesmo se sustenta na pesquisa qualitativa de abordagem fenomenológica no âmbito da Educação Matemática, temos presenciado cotidianamente as demandas solicitadas de avaliação ética. Permanecemos em constante atenção aos desdobramentos que estas demandas têm implicado em nossas pesquisas, principalmente ao que se refere à submissão de projetos na Plataforma Brasil.

Neste texto revisitamos alguns aspectos da pesquisa qualitativa de abordagem fenomenológica, especificamente no que se refere à hipótese e seus desdobramentos, exemplificando algumas situações vivenciadas no âmbito do GEFForProf/UTFPR, que nos levam a discutir acerca de opções metodológicas que nem sempre se reconhecem no sistema de avaliação posto, revelando conflitos entre implicações éticas das escolhas metodológicas e da revisão ética.

1 Estar com o outro: sua importância para pesquisa qualitativa na abordagem fenomenológica

Para Holanda (2002), a pesquisa qualitativa foi um avanço para as Ciências Sociais e Humanas, ocupando espaços que a pesquisa quantitativa não ocupava:

o espaço da interlocução com o humano, o espaço de busca dos significados que estão subjacentes ao dado objetivo, o espaço de reconstrução de uma ideia mais abrangente do que é empírico, um espaço de construção de novos paradigmas para as ciências humanas e sociais (HOLANDA, 2002, p. 156).

A presença direta e exposta de um pesquisador nas pesquisas requer o cuidado e a atenção ao se debruçar para além da relação pesquisador e objeto pesquisado, articulando-se ao contexto sócio-histórico cultural em que, juntos, pesquisadores e pesquisados estão inseridos.

Não é apenas por força de sua menor força institucional e política que as CHS se apresentam de modo negociado e dialogal a seus interlocutores de pesquisa. Trata-se de uma exigência da própria produção de conhecimento nessa área: a compreensão das formas de experiência social, cultural, histórica e psicológica passa por um delicado controle da relação entre pesquisador e pesquisado; a produção de conhecimento só se materializa no fluxo entre o sistema de significação de um e de outro dos dois lados da interação investigativa. As condições do trabalho não podem deixar de ser assim “Éticas”, no sentido de levar em conta as circunstâncias da relação e o respeito ao interlocutor. Para as pesquisas biomédicas, o interesse se encontra focado em partes da corporalidade dos “seres humanos” (sistemas, funções, órgãos, tecidos, células, moléculas etc.); nas CHS o interesse passa pela totalidade vivencial de pessoas relacionalmente articuladas (inclusive com os pesquisadores) em seus diferentes contextos (DUARTE, 2015, p. 34).

Especificamente na pesquisa de abordagem fenomenológica, há a preocupação com a singularidade de cada expressão, cada gesto, cada forma de comunicação entre os envolvidos. Não tomando sujeito e objeto da investigação, mas fenômeno percebido por quem intencionalmente se volta a conhecer algo. O objeto é sempre percebido por alguém, portanto não há a separação sujeito e objeto. Isso quer dizer que “o estudado não se revela de acordo com um método que procura estabelecer cadeias lógicas e categorização prévia, universalmente aplicadas, uma vez que humanos são seres de possibilidade, sendo suas produções apresentadas também como possibilidades e desvelamentos” (BATISTA; MOCROSKY; MONDINI, 2017, p. 50), considerando assim o objeto na perspectiva na abordagem da Fenomenologia algo que sempre se mostra na percepção do pesquisador ao falar em objeto da investigação, para a fenomenologia este é sempre o que se mostra na percepção.

E como compreendemos essa percepção? Para Merleau-Ponty (1996, p. 6), a percepção “(...) não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e é pressuposta por eles (...)”.

Neste sentido, percepção dentro de um movimento investigativo é aquilo que se desvela ao pesquisador, que ao perseguir uma interrogação guia, destaca em cada lance a qualidade daquilo que está sendo visto, revelado em perspectivas o que sempre “mostra-se na percepção do sujeito” (BICUDO, 2011, p. 19).

Sujeito é a pessoa que, mergulhada no mundo, é sempre um “ser-com” (HEIDEGGER, 2005), ou seja, o ser no mundo compartilhando vivências e se constituindo intersubjetivamente, o que nos toma ao conhecer o outro são nossas possíveis circunvizinhanças e circunvisões, considerando a espacialidade e temporalidade que traduz o mundo-vida.

Assim, numa atitude fenomenológica, na investigação nos propomos a escutar o outro, onde discurso e escuta se fundam na compreensão, que não se origina de ouvir de muitos discursos, mas sim, em um movimento de um ser que compreende o dito, assim, podendo escutar (HEIDEGGER, 2005), salientando que esse escutar transcende o ouvir biologicamente, pois é de onde emergem clamores silenciosos que muito nos diz, em que a pausa, a ausência da palavra pode se revelar diferentes ao que se pesquisa. O que evidencia ainda mais o proceder qualitativo.

Proceder qualitativo que, Lüdke e André (1986, p. 11) já vinham sinalizando:

1. A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento.
2. Os dados coletados são predominantemente descritivos.
3. A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto.
4. O 'significado' que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador.
5. A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. Os pesquisadores não se preocupam em buscar evidências que comprovem hipóteses definidas antes do início dos estudos.

Colaborando com este entendimento, temos em Martins e Bicudo (2005) a compressão de que a pesquisa fenomenológica está relacionada diretamente à ideia do mundo-da-vida, que é o mundo do pré-reflexivo.

Nessa perspectiva, conhecimento é aquilo que se desvela aos olhos do pesquisador num processo de encontro entre o pesquisador e o pesquisado, onde este se mostra à medida que o olhar do pesquisador se aprofunda e se torna mais crítico, possibilitando a captura de momentos, atitudes, sensações, na busca pela descrição daquilo que se mostra (BATISTA; MOCROSKY; MONDINI, 2017, p. 51).

Assim, compreendemos a pesquisa qualitativa na referida abordagem como uma pesquisa em que “não haverá ‘conclusões’, mas uma ‘construção de resultados’, posto que compreensões, não sendo encarceráveis, nunca serão definitivas” (GARNICA, 1997, p. 111). Mas, como uma pesquisa pode não apresentar conclusões?

Na perspectiva da Fenomenologia, buscamos compreender possibilidades que vão se mostrando ao longo da pesquisa e desvelando o fenômeno em destaque. Neste movimento, o pesquisador é chamado a expor o que se desvelou como constitutivos de seu modo de proceder metodológico, seus entendimentos e articulações sistemáticas reveladas ao longo do pesquisar. Durante a pesquisa, não são destacados apenas resultados, mas, o caminho percorrido na busca de compreensões realizadas pelo pesquisador, considerando que

(...) a compreensão e a interpretação provindas da imersão do observador no mundo do observado, a aproximação com o fenômeno e a reestruturação da própria visão de mundo. A proposição de uma pesquisa qualitativa para o ensino e a educação, com essas concepções, permite ir ao significativo, cuja emersão se dá na aproximação com o fenômeno em si e, fundamentado na compreensão e na interpretação, busca o significado a partir do contexto em que o significativo se mostra, com a inserção das visões de mundo do próprio pesquisador como sujeito ativo de sua pesquisa (MEDEIROS; ROCHA FILHO, 2016, p. 139).

Por estes elementos, temos cada vez mais presente em nossos estudos o modo de se fazer a pesquisa no caráter qualitativo. Embora, não em sua totalidade com seres humanos, pois alguns interesses prevalecem estudos teóricos e em outros suscitam por alguns contornos que nos surgem de maneira a nos colocar em movimento de cumprimento às exigências da Plataforma Brasil.

2 Experiência vivida

O Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação de Professores (GEForProf/UTFPR) tem desenvolvido pesquisas no âmbito da Educação Matemática, desde o ano de 2012, e uma linha de estudos vem se dedicando a abordagem qualitativa fenomenológica.

As inquietações do grupo em relação à avaliação ética de suas pesquisas junto ao sistema CEP/Conep vêm ocupando destaque pelos contornos, mais especificamente na reestrutura de algum elemento do projeto de pesquisa por inadequação, principalmente aos termos exigidos para a submissão na Plataforma Brasil.

Alguns contornos, no entanto, nos inviabilizam de estar com seres humanos em nossas pesquisas e o que delas resultam em produções acadêmicas. Como o mostrado na sequência de

nossas produções entre os anos de 2014 a 2020, tendo como filtro o autor principal da pesquisa um dos membros do GEFForProf/UTFPR, orientados pela última autora deste texto.

Quadro 1: Produções GEFForProf/UTFPR

| ANO | DISSERTAÇÕES DESENVOLVIDAS COM SERES HUMANOS | | ARTIGOS (em periódicos) DESENVOLVIDOS COM SERES HUMANOS | | TOTAL |
|--------------|---|-----------|---|-----------|-----------|
| | SIM | NÃO | SIM | NÃO | |
| 2014 | 02 | 00 | 00 | 01 | 03 |
| 2015 | 00 | 00 | 00 | 00 | 00 |
| 2016 | 01 | 02 | 01 | 03 | 07 |
| 2017 | 02 | 00 | 00 | 01 | 03 |
| 2018 | 01 | 01 | 00 | 03 | 05 |
| 2019 | 03 | 02 | 01 | 04 | 10 |
| 2020 | 00 | 01 | 05 | 00 | 06 |
| TOTAL | 09 | 06 | 07 | 12 | 34 |

Fonte: As autoras (2021)

Das 34 pesquisas realizadas (15 dissertações de mestrado e 19 artigos publicados em periódicos), constatamos que das dissertações, 09 foram ao encontro de seres humanos. No entanto, 4 das 15 pesquisas de mestrado precisaram ser redirecionadas para abordagens teóricas dos fenômenos investigados, uma vez que, sucessivas submissões ao comitê responsável pela avaliação ética de um dos projetos, reiteradamente solicitou adequações metodológicas. O tempo da pesquisa alertou o grupo para readequação deste e de outras 3, tendo em vista a inviabilidade de continuar os estudos da proposta inicial de pesquisa com seres humanos. Investigamos as ações humanas por textos e documentos de domínios públicos que também, trouxeram elementos relevantes para o ensino da matemática, mas com o afastamento do estudo junto a seres humanos.

Para esclarecimentos dos meandros da pesquisa fenomenológica que não visa provar, mas conhecer e explicitar os sentidos que vão se fazendo de modo a contribuir com o campo da Educação, do ensino, da formação das pessoas, portanto da articulação possível entre Ciências Sociais e Humanas, muitos são os pontos nevrálgicos. Neste texto nos atemos a explicitar que a pesquisa guiada na referida abordagem é originária e guiada por uma interrogação, não



VI Seminário Internacional
de Pesquisa e Estudos Qualitativos
21 a 23 de setembro de 2021

Pesquisa Qualitativa

ÉTICA - LÓGICA
EPISTEMOLOGIA

visando estabelecer uma hipótese entendida como uma suposta resposta, provisória e que fica à espera de comprovação. Bicudo (2018, p. 244) nos diz que hipótese é

(...) uma “hipo – tese”, é uma suposição subjacente à tese. Dada a tese, vai-se em busca de comprová-la. Uma vez que se trabalhe com problema, a intenção é de que este seja solucionado. Conforme a visão de ciência assumida, pode-se trabalhar com teorias que trazem indícios ou mesmo categorias de respostas, as quais aguardam por confirmação, tornando-as mais confiáveis. Porém, quando se trabalha com uma interrogação, não se tem uma suposição a respeito da resposta, mas busca-se compreender o que se interroga.

Assim, compreende-se que hipótese é o que vem em uma perspectiva de partir de ideia prévia, como algo já compreendido daquilo que se busca confirmar. Portanto, hipótese como elemento obrigatório em pesquisas que se orientam por interrogação, pode causar um descompasso nos encaminhamentos realizados, gerando uma falta de reconhecimento.

Um exemplo está nas pesquisas qualitativas, conduzidas fenomenologicamente, que se originam de uma interrogação, situada temporalmente na experiência vivida do pesquisador, considerada como mola propulsora que orientará todos os percursos investigativos que estruturarão sua pesquisa. A interrogação é

(...) a alavanca com a qual o pesquisador movimenta a investigação, até então tida como um conjunto de intenções com possibilidades de vir a ser ação. E a bússola que orienta o caminho. Assim, os itinerários a serem percorridos não serão predeterminados como se já se soubesse o lugar a chegar ao final da pesquisa e nem ficam ao acaso, mas seguem aberturas dadas pela interrogação (MOCROSKY, 2015, p. 148).

Há, portanto, um distanciamento entre estudos que se orientam ao explicitarem hipótese e tese e a abordagem da Fenomenologia, considerando que ao interrogar “não se tem uma suposição a respeito da resposta, mas busca-se compreender o que se interroga” (BICUDO, 2018, p. 244). Busca essa que não cessa, pois o encontro das aproximações da questão mostra caminhos que denotam as subjetividades envolvidas, algo característico da humanidade. Por ser humanidade e se fazer humanidade, o rigor não emerge da resposta direta, mas das compreensões e tessituras que se articulam, dando maior abrangência ao pesquisador a olhar sob diferentes perspectivas ao que se propõe. Isso quer dizer que a interrogação baliza o rigor metodológico, entendendo que:

O rigor no âmbito da pesquisa fenomenológica não se funda em metodologias construídas e aceitas como válidas em si, ou seja, independentemente da interrogação, da região de inquérito, da indagação pelo quê se pesquisa e como se procede à investigação, mas se constitui no próprio movimento de perseguição à interrogação (BICUDO, 2011, p. 56).

Manter-se atento e em constante movimento de se questionar o que a interrogação interroga, articulando sistemática e cuidadosamente o desencadear desses questionamentos de modo crítico, faz com que toda e qualquer decisão, busca, mudança de enfoque se dê no movimento investigativo e não somente com base em uma teoria prévia. O que nos permite entender o rigor “em termos da interrogação claramente formulada, da busca de sujeitos significativos, da descrição que conta sem interpretação prévia, dos cuidados com os destaques e respectivas análises e articulações de convergências” (BICUDO, 2018, p. 245-246).

Desta maneira, na abordagem fenomenológica não se visa levantar hipóteses e nem provar uma tese, mas ir ao encontro de clareza, de compreensões advindas das vivências dos sujeitos pesquisados. Não negamos a importância da hipótese nas pesquisas, mas, do ponto de vista de uma revisão ética, esta é uma questão que nas Ciências Sociais e Humanas, pode estar se revelando mais como referenciais e preocupações com aspectos técnicos-metodológicos do que éticos.

Assim, quanto aos formulários padronizados em uma plataforma, com campos obrigatórios, em uma abordagem de pesquisa que não utiliza estes termos, deixa margem para pensarmos como ter ou não uma hipótese ou uma interrogação de pesquisa refletiria no compromisso e respeito com seres humanos.

Com essa discussão, emerge a problemática do julgamento sobre o estatuto de confiabilidade das técnicas de pesquisa propostas em detrimento de avaliações éticas.

Quando submetemos projetos à revisão ética, sem uma hipótese, por exemplo, como o explicitado acima e somos impulsionados a flexibilizar a sua estrutura, refletimos se, em algumas situações, as respostas das avaliações éticas revelam uma revisão metodológica.

Importante destacar que a caminhada do GEFForProf com o Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição que sedia este grupo, atualmente entende que nem toda pesquisa estabelece hipótese e, assim, aceita que o formulário seja preenchido com expressões como “não há”, “não existe” ou outras variações. Destaque que reiteramos pela possibilidade de esclarecimento e também por revelar modos de contornar a plataforma que vai sendo possível em um movimento de discussões entre pesquisadores. Alertando ainda para a necessidade de um exercício coletivo de formação e multidisciplinar de composição tanto dos pesquisadores que compõem o comitê, quanto os pesquisadores que submetem suas pesquisas ao sistema CEP/Conep.

Não desconsideramos a função metodológica para a revisão ética, pelo contrário, destacamos a centralidade dela na pesquisa como um todo e especialmente no que se refere aos aspectos éticos que certamente estarão entrelaçados às estratégias de constituição de dados, por serem eles, os que demandam garantias de compromisso social e proteção aos participantes. Entretanto, é pertinente ainda se questionar se revisão metodológica de cada estudo não poderia ficar sobre a responsabilidade das comunidades disciplinares.

Entendemos que poderia ser considerado pelos comitês a identificação de implicações éticas de cada escolha metodológica. De modo que os questionamentos sobre o estatuto de confiabilidade técnico não se confundissem com a revisão ética. O que se mostra aqui é uma sutileza de identificação, quando se tratam de elementos metodológicos e o que eles implicam eticamente.

3 Síntese compreensiva

Compreendemos que muitas vezes realizamos nossas pesquisas com seres humanos, mesmo com os entraves que vivemos junto ao Comitê de Ética atual, mas o que vislumbramos seria uma abertura para que cuidássemos do nosso vivido, na Educação, de nosso fazer pesquisa, olhando para nossas especificidades, em um modo de formar o pesquisador, valorizando seu repertório teórico, suas experiências e a natureza da Educação.

Heidegger (1987), nos apresenta uma reflexão que nos leva a pensar nessa situação de outro ponto de vista: “de repente, deparamos com aquilo que pertence a uma coisa enquanto coisa. Trata-se de uma determinação que as ciências não veem, elas que no seu impulso em direção aos fatos, parecem chegar o mais perto possível das coisas” (HEIDEGGER, 1987, p. 25), ou seja, temos e fazemos pesquisa, mas parece que o lugar da Educação ainda não se assenta totalmente com o que temos como certo nos Comitês vigentes, o que mesmo assim não retira a legitimidade dessa área. Para maior entendimento desta necessidade, nos ancoramos em Lemes (2019), ao nos explicar sendo

(...) de fundamental importância o aparelhamento adequado, inclusive estruturalmente, dos Comitês e os conhecimentos dos seus membros, por conta da defesa da dignidade humana dos participantes na pesquisa científica, da necessária reflexão problematizadora da relação entre ciência e ética e do que se espera dos Comitês de Ética na identificação e na avaliação dos riscos e dos benefícios da pesquisa. As composições dos Comitês precisam estar estruturadas e organizadas de modo que possam refletir sobre a diversidade dos valores da comunidade; devem estar preparados para compreender os procedimentos usados nos diferentes estudos e suas possíveis consequências para os participantes. Alguns tipos de riscos e benefícios podem ser mais facilmente identificados por não cientistas, como, por exemplo, por aqueles que lidam em seu cotidiano com dimensões sociais, legais ou culturais. Isso

porque, uma vez identificados os riscos e os benefícios, é preciso que se observe se eles estão equilibrados, pois é tanto um julgamento de valores como de análise científica (LEMES, 2019, p. 125).

As pesquisas com seres humanos na área da Educação vão ao encontro de vivências e escutas, como já foi exposto, ousamos dizer que o risco oferecido talvez seja muito mais baixo do que para outras áreas. Garantem-se anonimatos, liberdade de permanecer ou não no percurso de pesquisa e acesso ao que foi porventura transcrito, buscando pela lisura de nossos processos, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo este atuante como forma de contrato entre pesquisador e participantes/colaboradores da pesquisa. Assim nos ancoramos no entendimento da ética na pesquisa qualitativa de abordagem fenomenológica em aspectos apontados por Bicudo (1993) que menciona que

pode ser afirmado que a ética do pesquisador se delinea por: (...) assumir uma atitude de respeito e de compromisso com a pesquisa luz do sentido que ela tem para ele, pesquisador, e à luz dos significados que estão sendo elaborados no contexto social (BICUDO, 1993, p. 19).

Desta maneira a ética se mostra e se entrelaça nos modos de constituição da pesquisa, delineados pelo pesquisador e sua constante preocupação em revelar compreensões dos caminhos percorridos pelo pesquisado. O que remete ao destacado e evidenciado por Heidegger (1987, p. 28): “a referida singularidade da coisa, desta coisa, que consiste em ser esta, está em conexão com o espaço e o tempo. Pela sua posição respectiva no espaço e no tempo cada coisa é, de forma inconfundível, esta e nenhuma outra”, o que chama para o rigor da pesquisa em abordagem fenomenológica que persegue sua questão norteadora, sem esquecer-se do compromisso de “ser-com”.

Esta breve reflexão acerca de opções metodológicas que nem sempre se reconhecem no sistema de avaliação posto, nos leva a pontuar que questões éticas sempre acompanharam e acompanharão percursos metodológicos de pesquisas com seres humanos independente de seu fundamento humano, social, biomédico, entretanto, algumas escolhas metodológicas ao não se reconhecem no sistema posto, revelam certos conflitos entre implicações éticas das escolhas metodológicas e revisão ética.

De modo que o não reconhecimento no modelo instituído possa se abrir em possibilidades para se pensar a revisão ética de um ponto de vista formativo, como um exercício coletivo e multidisciplinar, em que se amplie o desafio da revisão, compreendendo e discutindo



VI Seminário Internacional
de Pesquisa e Estudos Qualitativos
21 a 23 de setembro de 2021

Pesquisa Qualitativa

ÉTICA - LÓGICA
EPISTEMOLOGIA

implicações éticas presentes na opção metodológica de cada projeto, sem uniformizar um estatuto de confiabilidade das técnicas e metodologias de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- AMORIN, et al. Ética e pesquisa em Educação: documento introdutório. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. *Ética e pesquisa em Educação: subsídios*. Rio de Janeiro: ANPEd, v.1, 2019, p.06-17.
- BATISTA, J. O. MOCROSKY, L. F.; MONDINI, F. Sujeito e objeto na produção do conhecimento científico. *ACTIO: Docência em Ciências*, Curitiba, v. 2, n. 3, p. 44-59, out./dez. 2017.
- BICUDO, M. A. V. Pesquisa em Educação Matemática. *Pro-Posições* vol.4. n1, 1993.
- BICUDO, M. A. V. Pesquisa Qualitativa: segundo a visão fenomenológica. São Paulo: Editora Cortez, 2011.
- BICUDO, M. A. V. Pesquisa qualitativa e a abordagem fenomenológica: o percurso da professora pesquisadora Maria Aparecida Viggiani Bicudo. [Entrevista concedida a] SIMEÃO, M. P. da C.; MOCROSKY, L. F. *ACTIO: Docência em Ciências*, Curitiba, v. 3, n. 3, p. 236-252, mai. /ago. 2018. Seção Entrevistas.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. *Diário Oficial da União, Poder Executivo*, Brasília, DF, 13 jun. 2013. Seção 1, n. 112, p. 59-62.
- DUARTE, L. F. D. A ÉTICA EM PESQUISA NAS CIÊNCIAS HUMANAS E O IMPERIALISMO BIOÉTICO NO BRASIL. *REVISTA BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA*, v.03, n. 05, p.31-56, Jan./Jun./2015. Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br/rbsociologia/index.php/rbs/article/view/149>. Acesso em: 10 mai. 2021.
- GARNICA, A. V. M. ALGUMAS NOTAS SOBRE PESQUISA QUALITATIVA E FENOMENOLOGIA. Texto apresentado na Mesa-Redonda Paradigmas de interpretação da realidade organizada pelas disciplinas de Pedagogia Médica e Didática Especial do Depto. de Educação, UNESP/ Botucatu, 1997.
- HOLANDA, A. O resgate da fenomenologia de Husserl e a pesquisa em psicologia. 2002. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2002.
- HEIDEGGER, M. Que é uma coisa? Doutrina de Kant dos princípios transcendentais. Tradução de Carlos Morujão. Lisboa: Edições 70, 1987.
- HEIDEGGER, M. Ser e Tempo. Parte I. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. ed.15. Petrópolis: Editora Vozes, 2005;

- LEMES, S. de S. Ética e pesquisa em Educação: subsídios. Atuação em Comitês de Ética. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Ética e pesquisa em Educação: subsídios. Rio de Janeiro: ANPEd, 2019. v.1, p.123-129.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U., 1986.
- MAINARDES, J. A Ética na pesquisa em educação: panorama e desafios pós-Resolução CNS nº 510/2016. *Educação*, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 160-173, 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/26878>. Acesso em: 08 mai. 2021.
- MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. A pesquisa qualitativa em psicologia. São Paulo: Centauro, 2005.
- MEDEIROS, G. da S.; ROCHA FILHO, J. B. da. Fenomenologia hermenêutica: da filosofia à pesquisa qualitativa no ensino – educadores dialógicos e perspectivas de mundo. *Rev. Cienc. Educ.*, Americana, ano XVIII, n. 36, p. 139-152, 2016. Disponível em: <https://www.revista.unisal.br/ojs/index.php/educacao/article/view/543>. Acesso em: 20 abr. 2021.
- MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. Tradução de Carlos Alberto Ribeira de Moura. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- MOCROSKY, L. F. A postura fenomenológica de pesquisar em educação matemática. In: KALINKE, M. A.; MOCROSKY, L. F. (orgs.). Educação Matemática: pesquisas e possibilidades. Curitiba: Editora UTFPR, 2015, p.141-158.